

OS LUCROS DA CGD DE 775,9 MILHÕES € EM 2019 REDUZEM APENAS A 175,9 MILHÕES € SE DEDUZIRMOS A REVERSÃO DE IMPARIDADES E PROVISÕES CRIADAS A MAIS EM ANOS ANTERIORES, E O VALOR DA VENDA DE ATIVOS INTERNACIONAIS E DE MAIS-VALIAS. O CRÉDITO E A QUOTA DE MERCADO DA CGD CONTINUAM A DIMINUIR

Recentemente os media fizeram grandes “caixas” com os lucros da CGD em 2019 que teriam atingido, segundo a administração de Paulo Macedo, 775,9 milhões €. No entanto, e como é habitual, limitaram-se a divulgar o que administração disse “esquecendo-se”, mais uma vez, de inquirir/investigar como esses lucros foram obtidos com o objetivo de poderem informar com verdade a opinião pública sobre a situação da CGD. E isto porque criaram a ideia de que recuperação da CGD era uma realidade. No entanto, a realidade pode não ser essa porque lucros não são sempre sinal de recuperação efetiva e consistente pois podem ser obtidos através de medidas conjunturais que fragilizam a CGD e ocultam a sua verdadeira situação cujas consequências só sentirão mais tarde, eventualmente depois da saída de Paulo Macedo. A CGD já viveu momentos semelhantes, embora as causas fossem diferentes, cujos efeitos só vieram à luz do dia vários anos mais tarde, com consequências graves para os contribuintes que tiveram de a recapitalizar com 3.900 milhões € pagos com os seus impostos. Mas esta é uma questão séria que só deve ser tratada e respondida com base numa análise objetiva da informação já divulgada pela administração de Paulo Macedo referente a 2019, pois é a única disponível. É o que vamos fazer neste estudo procurando mostrar a realidade para além das aparências para alerta, informação e reflexão dos portugueses.

77,4% DOS LUCROS DA CGD EM 2019 NÃO TIVERAM COMO ORIGEM O NEGÓCIO BANCÁRIO POR EXCELÊNCIA MAS FUNDAMENTALMENTE REVERSÃO DE IMPARIDADES E PROVISÕES CONSTITUIDAS A MAIS EM ANOS ANTERIORES E VENDA ATIVOS QUE A CGD POSSUIA NO PAÍS E NO ESTRANGEIRO, SITUAÇÃO ESSA QUE QUE NÃO É REPETIVEL

O quadro 1, construído com dados constantes da própria informação divulgada pela administração de Paulo Macedo, mostra de uma forma clara como a esmagadora maioria dos lucros (cerca de 77,4%) apresentados pela CGD em 2019 – 775,9 milhões € - foram obtidos.

Quadro 1- As principais origens dos “lucros “da CGD em 2019

RÚBRICAS DA DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS CONSOLIDADOS DA CGD	2018 - Milhões €
Resultados Operações financeiras (ROFs) -mais-valias titulos vendidos	82,5
Outros resultados de exploração (nesta conta são contabilizados os "lucros" resultantes da venda de carteiras de crédito em que foram constituídas provisões em excesso)	136
Reversão de imparidades de crédito por se terem criadas em excesso em anos anteriores (em 2016 a CGD constituiu 3.016,9 milhões €, o que obrigou o Estado a recapitalizá-a com dinheiro dos impostos dos contribuintes)	47,6
Reversão de provisões constituídas em excesso em anos anteriores para redução de trabalhadores	20,6
Reversão de provisões constituídas em excesso em anos para fazer face a prejuizos resultantes da venda de subsidiárias internacionais	159,7
Reversão de provisõesconstiy«tuídas em excesso em anos anteriores para outros compromissos assumidos	9,8
Contributos para o Resultado líquido resunesda venda de ativos internacionais (*)	144
SOMA (como foram obtidos 600,2 milhões € de "lucros" pela CGD em 2019)	600,2

(*) Não consta da Press Realease mas sim do documento de apresentação contas anexo à Press Realese

Portanto, 600,2 milhões € (77,4%) dos 775,9 milhões € dos lucros que a administração de Paulo Macedo apresentou em 2019, tiveram como origem a venda de ativos que a CGD possuía em Portugal e no estrangeiro, mas fundamentalmente a reversão de imparidades e provisões constituídas em excesso anteriormente, muitas delas só certamente possíveis devido às enormes imparidades constituídas em excesso em 2016 (3.017M€) o que obrigou o Estado a recapitalizar a CGD (3.089M€) com dinheiro dos contribuintes. Pode-se dizer que a CGD está a devolver ao Estado aquilo que recebeu, em excesso, anteriormente. É preciso uma análise objetiva para não se criarem nem se espalharem ilusões como fizeram os media.

Este mesmo procedimento já tinha sido utilizado pela administração de Paulo Macedo em 2018, mas com menor dimensão. Dos 495,7 milhões € de lucros apresentados em 2018 pela administração de Paulo Macedo, 207,8 milhões €, ou seja, 41,9% tiveram a mesma origem, sendo a parcela de reversão de imparidades e provisões atingido 131,26 milhões €

O CRÉDITO BANCÁRIO CONCEDIDO EM PORTUGAL PELA CGD CONTINUA A DIMINUIR

Uma outra caraterística da gestão da administração de Paulo Macedo na CGD é a continua diminuição do crédito concedido à economia e às famílias portuguesas como revelam os dados do quadro 2 contruído com a informação divulgada pela própria CGD.

Quadro 2 – Variação do crédito concedido pela CGD em Portugal desde a entrada da administração de Paulo Macedo

CRÉDITO A CLIENTES	Dez.2016 Milhões € Entrada Paulo Macedo	2017 Milhões €	2018 Milhões €	2019 Milhões €	2019-2018 Milhões €	2016 - 2019 (Administração Paulo Macedo) Em Milhões €	2017 - 2019 (Administração Paulo Macedo) Em %
CGD -PORTUGAL	52 960	48 826	44 649	40 900	-3 749	-12 060	-22,8%
EMPRESAS	18 316	15 706	13 997	13 710	-287	-4 606	-25,1%
Construção e imobiliário	8 792	6 185	4 383	3549	-834	-5 243	-59,6%
SETOR PÚBLICO ADMINISTRATIVO	5 617	5 117	5 284	2767	-2 517	-2 850	-50,7%
INSTITUCIONAIS E OUTROS	1 028	1 254	1 160	394	-766	-634	-61,7%
PARTICULARES	28 000	26 750	25 348	24 423	-925	-3 577	-12,8%
Habitação	27 064	25 861	24 496	23 652	-844	-3 412	-12,6%
Outras finalidades	936	889	852	771	-81	-165	-17,6%
OUTRAS UNIDADES DO GRUPO CGD	12 227	10 985	9 821	9 222	-599	-3 005	-24,6%
TOTAL	65 188	59 812	54 450	50 122	-4 328	-15 066	-23,1%

FONTE: Press-Release divulgado pelo conselho de administração da CGD referentes a contas anuais - 2016 -2019

Entre 2018 e 2019, registou-se uma redução do crédito concedido pela CGD de 4.328 milhões €, sendo 3.749 milhões € a empresas, a particulares (*fundamentalmente famílias*) e ao setor público. Se consideramos os 3 anos (2016/2019) da administração de Paulo Macedo na CGD, a redução de crédito concedido pela CGD em Portugal já atinge 15.066 milhões € (-23,8%), sendo 4.606 milhões € a empresas (-25,1%), 3.577 milhões € a particulares (-12,8%). Mesmo o crédito à habitação em que a CGD teve sempre um grande papel sofreu uma redução de 3.412 milhões €. Melhor que quaisquer palavras estes números, disponibilizados pela própria administração da CGD, mostram de uma forma clara o que tem sido a gestão de Paulo Macedo na CGD

A CGD CONTINUA A PERDER QUOTA DE MERCADO EM PORTUGAL

A diminuição continuada do crédito concedido às empresas e às famílias em Portugal tem determinado que a CGD esteja a perder quota de mercado no país como o quadro 3 mostra, que foi também construído com dados divulgados pela própria administração de Paulo Macedo

Quadro 3 – Variação da quota da CGD no total de crédito concedido em Portugal -2016/2019

QUOTAS DE MERCADO DE CRÉDITO	Nov. 2016	Dez. 2017	Nov. 2018	Mai 2019	Nov. 2019	2016- 2019 Administração Paulo Macedo
QUOTA TOTAL	23,4%	20,8%	19,4%	19,0%	18,4%	-18,8%
EMPRESAS	20,7%	17,1%	15,0%	15,0%	15,0%	-27,5%
PARTICULARES	24,5%	22,2%	21,0%	21,0%	19,9%	-14,3%
Habitação	28,1%	25,4%	24,5%	24,0%	23,8%	-14,6%
Consumo	9,3%	4,9%				

FONTE : Apresentação contas 2016, 2017, 2018 e 2019 - Conselho de administração da CGD

Em 3 anos de administração de Paulo Macedo (2016/2019), a CGD perdeu 18,8% da quota de mercado de crédito, sendo 27,5% na quota de empresas e 14,3% de particulares. Este é um aspeto que a administração de Paulo Macedo tenta ocultar pois em relação a outros indicadores apresenta valores do período 2016/2019 mas relativamente a este não os divulga para todo o período apesar de ser um indicador importante de avaliação da capacidade da administração. A administração de Paulo Macedo está a revelar falta de capacidade para conceder crédito novo que, pelo menos, compense aquele que é amortizado, liquidado, vendido ou abatido.

Mesmo em relação aos depósitos, a posição da CGD é pior do que a que tinha quando a administração de Paulo Macedo entrou para ela, apesar de se ter verificado uma ligeira recuperação em 2019, como mostra o quadro 4 (dados divulgados pela administração).

Quadro 4 – Variação da quota da CGD no total de depósitos feitos na banca -2016/2019

QUOTAS DE MERCADO DE DEPÓSITOS	Nov. 2016	Nov. 2017	Nov. 2018	Mai 2019	Nov. 2019	2016- 2019 (administração Paulo Macedo)
QUOTA TOTAL	27,7%	27,0%	25,7%	25,0%	25,2%	-9,7%
EMPRESAS	12,2%	11,0%	12,0%	12,0%	12,0%	-1,6%
PARTICULARES	31,5%	30,0%	29,1%	29,0%	29,1%	-7,9%

FONTE : Apresentação contas 2016, 2017, 2018 e 2019 - Conselho de administração da CGD

Entre 2016 e 2019, a quota da CGD nos depósitos totais feitos na banca diminuiu de 27,7% para 25,2%, ou seja, em -9,7%, apesar da reduzida recuperação registada em 2019 (+0,2 p.p.).

Outra análise que interessa realizar para avaliar a capacidade de gestão da administração de Paulo Macedo é a utilizando o **Rácio de transformação** que dá o valor em euros de crédito que a administração da CGD consegue conceder por cada 100€ de depósitos que recebe. Entre 2016 e 2019, de acordo com o seu Balanço Consolidado (ver Anexo), o crédito líquido da CGD diminuiu de 59.413 milhões € para 47.974 milhões € (-11.439 milhões €) e os depósitos passaram de 66.692 milhões € para 65.792 milhões € (-900M€). Calculando o **Rácio de transformação** que se obtém dividindo o total de crédito pelo total de depósitos obtém-se, para 2016, 89,1% e para 2019 e apenas 72,9%. Isto significa que, em 2016, por cada 100€ que recebia a CGD emprestava (crédito) 89,1€ enquanto, em 2019, por cada 100€ de depósitos que recebe só consegue emprestar 72,9%. A falta de capacidade que parece revelar a atual administração para aumentar o crédito concedido à economia e às famílias é preocupante, e devia merecer a reflexão do acionista Estado e daqueles que se interessam pela defesa do banco público. E tudo isto torna-se mais incompreensível quando o seu Rácio de liquidez (LCR) aumentou, entre 2016 e 2019, de 176% para 332%, um valor muito superior ao exigido pelo Banco de Portugal (100%). Não é por falta de liquidez que a CGD não concede crédito, até porque os seus Rácios de capital são confortáveis como afirma a própria administração. E sem aumentar o negócio bancário não há recuperação efetiva da CGD, a não ser que queira reduzir a CGD a uma “caixinha”.

OS RESULTADOS DA ATIVIDADE “CORE” DA CGD OBTIDOS À CUSTA DOS DEPOSITANTES

A atividade “core” de uma instituição bancária como é a CGD, a qual devia ser a principal fonte de receitas, é da intermediação, ou seja, receber depósitos pelos quais devia pagar juros e conceder crédito pela qual recebe juros. O que tem sucedido na CGD é que os resultados da atividade “core” tem sido suportados pelos depositantes (*quadro 4 dados divulgados pela CGD*).

Quadro 4 – a Variação do Produto bancário “core” da CGD entre 2016 e 2019

RÚBRICAS	2016 Milhões €	2017 Milhões €	2018 Milhões€	2019 Milhões €	2019-2018 Milhões €	2016 -2019 Milhões€ (administração Paulo Macedo)	2016 -2019 Em % (administração Paulo Macedo)
Juros e rendimentos similares (principalmente recebido de crédito concedido)	2 470	2 345	2 041	1 828,0	-213,0	-642,0	-26,0%
Juros e encargos similares (principalmente pago por depósitos)	1 431	1 104	858	696,0	-162,2	-735,3	-51,4%
MARGEM FINANCEIRA	1 039	1 241	1 183	1 132	-50,8	93,3	9,0%
Receitas de comissões	568	589	604	630,4	26,6	62,4	11,0%
Encargos com comissões	118	124	124	128,4	4,1	10,1	8,5%
COMISSÕES LIQUIDAS	450	465	480	502	22,4	52,3	11,6%
PRODUTO BANCARIO "CORE" (negócio bancário)	1 488	1 706	1 662	1 634	-28,4	145,6	9,8%

FONTE: Demonstração de Resultados da CGD consolidados - 2018/2019 - administração de Paulo Macedo

Uma das conclusões importantes que se tira dos dados do quadro é que apesar da Margem financeira da CGD, que devia ser a sua principal fonte de receitas, ter aumentado apenas 93,3 milhões € entre 2016 e 2019, esse aumento não teve como origem o aumento do crédito concedido (*neste período os juros das operações ativas até diminuíram em 642 milhões €*) mas foi conseguido fundamentalmente à custa dos depositantes, cujos juros recebidos sofreram uma redução de 735,3 milhões € (-51,4%). O mesmo sucedeu em relação às comissões cobradas pela CGD, cujas receitas aumentaram, entre 2016 e 2019, de 568 milhões € para 630,4 milhões €. Como o crédito concedido pela CGD diminuiu, foram também os depositantes que tiveram de suportar os aumentos. Segundo dados do documento divulgado pela administração de Paulo Macedo referente a 2019, neste ano as “*comissões de crédito e extrapatrimoniais*” diminuíram em 10 milhões €, enquanto as de “*cartões, meios de pagamentos e outros*”, que incidem fundamentalmente sobre os depositantes, aumentaram em 16 milhões €. Foi desta forma que administração de Paulo Macedo aumentou o “Produto bancário core” em 145 milhões€ (2016/19)

LUCROS CONSEGUIDOS TAMBÉM À CUSTA DA REDUÇÃO DOS CUSTOS COM A ESTRUTURA (custos operacionais) DA CGD QUE FRAGILIZA A CGD FACE À CONCORRENCIA DA BANCA MAIORITÁRIAMENTE CONTROLADA POR ESTRANGEIROS

Outro aspeto preocupante da gestão de Paulo Macedo é a redução significativa da estrutura da CGD que estava implantada por todo o país e que, convenientemente aproveitada e potenciada, era um instrumento importante de apoio ao crescimento económico e ao desenvolvimento do país. Essa preocupação deixou de estar presente nos objetivos e também na Missão da atual administração com os dados do quadro 5 revelam. E não se pense que é com digitalização do banco que se conseguirá depois compensar esta grave lacuna como alguns pensam ou dizem.

Quadro 5 – A redução significativa da estrutura base de funcionamento da CGD em 2016/2019

RÚBRICAS	2016 Milhões €	2017 Milhões €	2018 Milhões€	2019 Milhões €	2016 -2019 Milhões€ (administração Paulo Macedo)	2016 -2019 Em % (administração Paulo Macedo)
PRODUTO GLOBAL DA ATIVIDADE	1 423	1 965	1 758	1 884,0	460,6	32,4%
Custos operacionais	1 168	1 103	984	964,7	-203,3	-17,4%
Custos com pessoal	661	659	610	583,4	-78,0	-11,8%
Gastos gerais administrativos	415	358	314	287,2	-127,8	-30,8%
Amortizações	92	87	60	94,2	2,5	2,7%
COST-TO-INCOME (Produto Global da atividade a dividir pelos Custos operacionais)	82%	56%	56%	51%		-37,6%
CUSTOS COM PESSOAL/PRODUTO DA ATIVIDADE (quanto mais baixo é, menor é parcela que é destinada aos trabalhadores)	46%	34%	35%	31%		-33,4%
Agencias bancarias em Portugal (redução da dimensão da CGD)	651	587	551	548	-103	-15,8%
CGD Portugal - Trabalhadores (redução da dimensão da CGD)	8 113	7 689	7 244	6 706	-1 407	-17,3%

FONTE: Apresentação das Contas anuais de 2016, 2017, 2018 e de 2019 pelo Conselho administração da CGD

Entre 2016 e 2019, os custos operacionais (*custos de estrutura*) da CGD diminuíram em 208,3 milhões €, o que foi conseguido fundamentalmente à custa da redução do número de agências (*fecharam no país 103 agências*) e também por meio da redução de um número elevado de trabalhadores (*em 3 anos a administração de Paulo Macedo dispensou 1407 trabalhadores*). Como consequência, entre 2016 e 2019, o “*Cost-to-income*” (*percentagem que os custos operacionais do Produto da Atividade, o VAB da banca*) diminuiu de 82% para apenas 51%, e a percentagem que os Custos com Pessoal representam em relação também ao Produto Global da Atividade reduziu-se de 46% para 31%, muito abaixo da média nacional. É desta forma também que administração de Paulo Macedo obtém lucros mas fragilizando a estrutura de funcionamento da CGD perante a concorrência da banca controlada por capital estrangeiro que já domina o setor bancário nacional

OUTROS ASPETOS DAS CONTAS DA CGD QUE MERECEM REFLEXÃO E ESCLARECIMENTOS

Há questões no documento divulgado pelo conselho de administração da CGD conjuntamente com a *Press Realese* de 2019 que necessitam de ser explicadas pois são preocupantes.

A 1ª questão prende-se com elevado o crédito abatido ao Ativo em 2019 por se considerar totalmente perdido (*write-offs*). No fim de 2016, poucos meses antes do Estado recapitalizar a CGD com 3.891 milhões € sendo 2.500 milhões € em dinheiro e o resto em espécie (ações da Parcaixa e Cocos), a CGD abateu ao Ativo 1.933 milhões € (*write-offs*) por serem considerados totalmente perdidos. Na mesma altura constitui “Imparidades e provisões “ no montante de 3016,9 milhões €, que agora estão a se revelar excessivas, e cuja reversão tem sido utilizada para empolar artificialmente os lucros da CGD como mostramos neste estudo. Apesar do elevado montante de crédito abatido ao Ativo em 2016 (1.933 milhões €) e de se pensar que o restante crédito podia ser recuperado, no entanto a administração de Paulo Macedo continuou a abater ao Ativo elevados montantes de crédito que considerou totalmente perdidos. De acordo com os documentos anexos a apresentação de contas, de 2019 o abate de créditos por se considerarem totalmente perdidos correspondeu a 600 milhões € da diminuição dos NPL a que se adiciona mais 700 milhões € no período 2016/2018. **A pergunta que naturalmente se coloca e que interessava que a administração da CGD esclarecesse era a seguinte:** Qual é a razão da administração de Paulo Macedo ter abatido ao Ativo 1.300 milhões € de crédito por considerar totalmente depois de 1933 milhões € de “write-offs” em 2016?

A 2ª questão que também merecia esclarecimento por parte da administração de Paulo Macedo é a política de investimento maciço em títulos, que é uma atividade especulativa (*pode-se ganhar mas pode-se perder muito*), contrária ao ADN da CGD, que é um banco comercial já que, entre 2018 e 2019, a carteira de títulos da CGD, que já era enorme, aumentou de 16.383 milhões € para 20.543 milhões €, representando já 23,9% do Ativo líquido total da CGD, certamente o mais elevado valor em toda a banca em Portugal. E isto quando se sabe que tal aplicação incorpora na CGD três riscos elevados (risco de mercado, de taxa de câmbio e de taxa de juro). Composição e quais as razões?

A 3ª questão prende-se com a primeira e é uma pergunta que era importante que administração de Paulo Macedo esclarecesse e que é a seguinte: Os elevados montantes de “*write-offs*” feitos por esta administração (1.300M€ da redução dos NPL) e a venda maciça de carteiras (2600M€, e , *como se sabe quem compra é porque quer lucrar, entre 15% e 25% é o seu objetivo*) e, conseqüentemente, quem vende perde (*atualmente a compra de carteiras de crédito é um grande negócio para os grandes grupos financeiros internacionais*) não terá como razão principal reduzir o Ativo ponderado pelo risco (RWAs) para assim fazer crescer artificialmente os rácios de capital? A que se junta o investimento maciço em dívida pública que, de acordo com normas bancárias, pelo menos na teoria, é um ativo sem risco. Havia muitas mais questões a esclarecer. **Eugénio Rosa – 9-2-2020 – edr2@netcabo.pt**

ANEXO

BALANÇO CONSOLIDADO 2016-2019 - ADMINISTRAÇÃO PAULO MACEDO						
RÚBRICAS	2016 Milhões €	2017 Milhões €	2018 Milhões €	2019 Milhões €	2016 -2019 Milhões€ Administração Paulo Macedo	2017 -2019 Em % Administração Paulo Macedo
ATIVO LIQUIDO	94 411	93 248	89 129	85 776	-8 635	-9,1%
Caixa e em Bancos centrais	1 740	4 621	5 528	7 304	5 564	319,8%
Aplicações em instituições de crédito	4 176	3 727	3 057	3 218	-958	-22,9%
Aplicações em títulos	13 889	15 751	16 383	20 542	6 653	47,9%
APLICAÇÕES EM TÍTULOS % DO ATIVO LIQUIDO (valor elevado é um indicador de uma gestão que aposta na especulação)	14,7%	16,9%	18,4%	23,9%	62,8%	62,8%
Credito liquido a clientes (diminuição indicador de uma gestão incapaz)	59 413	55 255	51 589	47 974	-11 439	-19,3%
CREDITO LIQUIDO % DO ATIVO LIQUIDO	62,9%	59,3%	57,9%	55,9%	-11,1%	-11,1%
Ativos não correntes disponíveis para venda (dações)-Liquido	1 112	1 025	7 028	1 333	221	19,9%
Ativos por impostos diferidos	2 481	2 323	2 152	1 870	-611	-24,6%
PASSIVO	90 528	84 974	80 843	77 210	-13 318	-14,7%
Recursos bancos centrais e IC	4 492	4 043	1 797	1 078	-3 414	-76,0%
Recursos de clientes e outros empréstimos (depósitos)	66 692	63 631	62 714	65 792	-900	-1,3%
Recursos de clientes -atividade doméstica	53 184	52 319	53 263	55 977	2 793	5,3%
Responsabilidades representadas por títulos	4 184	4 051	3 260	2 468	-1 716	-41,0%
RECURSOS CLIENTES+ RESPONSABILIDADES TÍTULOS (confiança depositantes)	70 876	67 682	65 974	68 260	-2 616	-3,7%
Passivos financeiros ao justo valor	1 681	1 060	738	909	-772	-45,9%
Passivos subordinados	2 424	1 028	1 160	1 116	-1 308	-54,0%
Outros passivos	3 966	4 088	3 943	3 827	-139	-3,5%
RACIO TRANSFORMAÇÃO - diminuição indica ineficiência da gestão	89,1%	86,8%	82,3%	72,9%		-18,1%
RACIO TRANSFORMAÇÃO-2 -diminuição indica ineficiência da gestão	83,8%	81,6%	78,2%	70,3%		-16,2%
RACIO NPL (% créditos improdutos)	15,8%	12,0%	8,5%	4,7%		-70,3%
CAPITAIS PRÓPRIOS	3 883	8 274	8 285	8 566		
CAPITAL	5 900	3 844	3 844	3 844		
RACIOS DE SOLVABILIDADE E LIQUIDEZ						
Common Equity Tier 1 (CET 1)	12,1%	14,0%	14,6%	16,8%		38,8%
Tier 1	13,0%	15,1%	15,7%	17,9%		37,7%
Rácio Total	14,1%	15,7%	16,9%	19,3%		36,9%
Liquidity Coverage Ratio (LCR)- ineficiência da gestão	176%	208,9%	234,6%	332,0%		89,1%

FONTE: Contas anuais de 2016, 2017 e 2018 e 2019 - CGD

O Balanço dá um retrato da situação económica e financeira de uma empresa, incluindo banco, num determinado momento (por ex., no fim de cada ano). O Balanço consolidado (porque inclui empresas do grupo) da CGD do período 2016/2019, ou seja, durante a administração de Paulo Macedo mostra os resultados mais importantes da sua gestão.

E as conclusões principais que se tiram são nomeadamente as seguintes: (1) A redução continuada do Ativo liquido da CGD que, entre 2016 e 2019, diminuiu de 94.411 milhões € para 85.776 milhões €, o que diminuiu a importância e peso da CGD no contexto do setor bancário em Portugal e reduz a sua capacidade para promover o crescimento económico e o desenvolvimento do país; **(2) A queda continuada do credito** (em 3 anos diminuiu em 11.439 milhões €), pois o novo credito não foi suficiente para compensar o credito amortizado, liquidado, vendido e abatido ao Ativo, apesar da elevada liquidez que tem a CGD pois o seu rácio de liquidez (LCR) no fim de 2019 atingia 332%, ou seja, 3,3 vezes superior ao exigido pelo Banco de Portugal; **(3) Um Rácio de transformação muito baixo** – 72,9% em 2019 - o que significa que, por cada 100€ de depósitos recebidos, a CGD emprestou apenas 72,9€ (indicador de ineficiência, já que não rentabiliza adequadamente os recursos que dispõe), o que também determina que a CGD pague juros de miséria aos seus clientes por falta de rentabilidade dos recursos que dispõe; **(4) Um investimento maciço em títulos** que é uma aplicação de risco elevado, que representam já 23,9% de todo o Ativo liquido da CGD, que não se enquadra na missão e os objetivos (a sua missão é apoiar as empresas e as famílias e não em atividades que podem ser designadas como especulativas) e que incorpora potenciais riscos elevados para a CGD; **(5) Uma redução da taxa de NPL (créditos improdutos)** de 15,8% para 4,7%, o que é positivo, mas que foi conseguido em grande parte, como mostramos, à custa de créditos abatidos ao Ativo por se considerarem totalmente perdidos e de venda maciça de carteiras de crédito, naturalmente perdendo dinheiro, pois os fundos que as compram querem ter lucros, e não são baixos; **(6) Aumento dos rácios de capital**, o que é positivo, apesar de serem em parte conseguidos através da redução dos RWAs (a taxa de densidade de RWAs diminuiu de 58% para 53% entre 2016 e 2019) obtida por meio da venda de carteiras de credito, de abate de créditos ao Ativo e de aplicações maciças em títulos, aumento este dos rácios de capital (RWA's são o denominador da fração de cálculo, quanto mais baixo forem maior é o rácio) que depois não é aproveitado para aumentar o crédito concedido.